



LEONARDO DE JESUS FRANCATI

**ANSIEDADE PRÉ-COMPETITIVA, VOLEIBOL E
DESEMPENHO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

Bauru

2023

LEONARDO DE JESUS FRANCATI

Ansiedade Pré-Competitiva, Voleibol e Desempenho: Uma Revisão Integrativa

Orientador: Prof. Dr. Rubens Venditti Júnior

Co-Orientador: Prof. Me. Osvaldo Tadeu da Silva Júnior

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentada à Faculdade de Ciências
da Universidade Estadual Paulista
"Júlio de Mesquita Filho" – Campus de
Bauru – Curso de Bacharelado em
Educação Física.

Bauru

2023

ANSIEDADE PRÉ-COMPETITIVA, VOLEIBOL E DESEMPENHO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi de reunir estudos publicados entre os anos de 2010 e 2023 sobre a ansiedade e desempenho no voleibol. Para isto, foi adotada a orientação PRISMA (2015) como metodologia para construção da presente revisão integrativa. As bases de dados digitais escolhidas foram SciELO, Web of Science e SCOPUS, sendo incluídos estudos publicados em português e inglês. Foram encontradas 24 pesquisas elegíveis, após a primeira etapa de buscas. Após excluir os trabalhos duplicados e estudos que não se adequavam aos critérios de inclusão, restaram 11 estudos. A análise dos trabalhos encontrados mostrou que há uma relação comprovada entre a ansiedade competitiva e a performance e desempenho no voleibol, sendo o instrumento mais utilizado para avaliá-la o CSAI-2R. Contudo, foi observado uma lacuna quanto a avaliação do desempenho, onde esta não apresenta um rigor padronizado de avaliação.

Palavras-chave: Ansiedade, Ansiedade pré-competitiva, voleibol, desempenho.

PRE-COMPETITIVE ANXIETY, VOLLEYBALL AND PERFORMANCE: AN INTEGRATIVE REVIEW

ABSTRACT

The aim of this study was to bring together studies published between 2010 and 2023 about anxiety and performance on volleyball. For this, the PRISMA (2015) guideline was adopted as methodology to construct this integrative review. The digital databases chosen were SciELO, Web of Science and SCOPUS, including studies published in Portuguese and English. 24 studies were found after this first stage of searches. After excluding duplicated studies and those who hasn't meet the including criteria, 11 studies remained. The analyses of the studies found showed that there is a proven relationship between competitive anxiety and performance in volleyball, with the most instrument to assess it being the CSAI-2R. However, a gap was observed regarding performance assessment, where it does not present a standardized assessment rigor.

Keywords: Anxiety, pre-competitive anxiety, volleyball, performance

AGRADECIMENTOS

Em primeira mão, gostaria de agradecer aos meus pais, irmãos e família, por todo o apoio durante esses anos de graduação. Sem os valores aos quais fui criado não acredito que seria capaz de estar seguindo o caminho que estou trilhando.

Gostaria também de agradecer ao Prof. Dr. Rubens Venditti Júnior, por ver em mim alguém que almejava algo, e por me dar a chance e meios de conseguir o que tanto quis, sem você meu crescimento acadêmico não seria possível. Destaco também meus agradecimentos aos amigos de laboratório, Osvaldo, Débora, Ana Júlia, Emanuely e Clara, por estarem sempre comigo e me ajudarem com todas as dificuldades que tive.

Este parágrafo dedico à minha Ohana, Ana Júlia, Giovana e Heloísa. Vocês estão comigo desde sempre, e se não fosse por vocês não sei onde estaria agora. Vocês fazem parte disso, sem o suporte que vocês me deram teria sido um caminho muito mais difícil do que já foi.

Agradeço também a alguns colegas de profissão e graduação, Gabriele, Cynthia e Matheusão. Com vocês eu dividi sonhos e realizações, fiz planos e me motivei para hoje estar conseguindo tudo que eu queria ser quando entrei nessa graduação. Vocês tornaram esse processo muito melhor. Também aproveito para destacar algumas pessoas que também deixaram em mim uma marquinha de carinho, Alessandra, Vitória, Juliana, Alessandro, Potássio, Marina, Marcos, Sasha e Giovani.

À toda galera do vôlei da unesp também registro meus agradecimentos, em especial para Joanil, Ton e Julia, os melhores técnicos que pude ter, e aos meus companheiros de equipe, Pedro, Ticole, Lucas, GPS, Guilherme, Fran, Mamãe e Jonas.

Por fim, deixo aqui registrado meu amor incondicional pela minha pet-filha Nenis, meu eu em forma de gato. Não tenho palavras para significar meu carinho por você e nossa parceria desde o colegial. Que venham novas aventuras para gente!

SUMÁRIO

Introdução.....	5
Revisão de Literatura.....	6
Ansiedade e Ansiedade Competitiva.....	6
Voleibol.....	10
Desempenho Esportivo no Voleibol.....	13
Objetivo.....	15
Método.....	16
Revisão Integrativa.....	16
PICOS.....	21
Estratégias de Busca.....	22
Resultados.....	23
Discussão.....	34
Conclusão.....	42
Referências.....	43

1 INTRODUÇÃO

O voleibol, assim como outros esportes coletivos, é um ambiente esportivo e competitivo onde são experimentadas diversas emoções. Dentre essas emoções, a ansiedade tem ganhado destaque como objeto de estudo da psicologia esportiva, devido à sua relação com o desempenho dos atletas. Alguns autores, como Weinberg & Gould (2017), Samulski (2009) e Spielberger (1972) apresentam o que entendemos por ansiedade. Ansiedade é, portanto, uma emoção percebida de medo e estresse, estando relacionada à ativação.

O desempenho dos atletas, pode ser mensurado através de vários aspectos, como por exemplo, a eficiência e eficácia na realização das ações técnico-táticas do jogo e na tomada de decisão dos jogadores. Este pode também tratar do resultado final obtido, no caso do voleibol, a vitória da partida, por exemplo. Estes fatores vêm emergindo relacionados com alguns componentes da ansiedade, sendo eles: ansiedade cognitiva, ansiedade somática e autoconfiança.

Nesta perspectiva, é importante que se busque compreender melhor este fenômeno, pois, por apresentar influência na performance dos atletas, é de interesse profissional e científico que se tenha um melhor entendimento de como ele ocorre, porquê ele ocorre e como lidar com sua presença. Portanto, o presente estudo tem como objetivo compreender as formas e meios as quais a ansiedade competitiva influencia no desempenho esportivo dos atletas na modalidade voleibol, possibilitando preencher lacunas acerca desta temática e permitindo que professores, técnicos e auxiliares tenham acesso mais facilmente ao que se encontra na literatura sobre a temática em questão.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Ansiedade e Ansiedade Competitiva

Emoções são frutos de um processo da inter-relação sistêmica psíquica, fisiológica e social que constituem o sistema motivacional do ser humano. Segundo Samulski (2000), elas apresentam, dentro desta perspectiva, duas funções básicas, a de organização e direcionamento, e a de energia e ativação, ambas relacionadas à realização de uma determinada ação (BANDEIRA, 2002).

Ainda, segundo a Teoria Diferencial das Emoções (IZARD, 1977), possuímos dez emoções fundamentais, sendo elas: o interesse/excitamento; a alegria; a surpresa; a fúria; o desgosto; o desprezo; o medo; a vergonha; e, por fim, a culpa. Há também as emoções não fundamentais, que são originadas a partir da experiência frequentemente vivenciadas de duas ou mais emoções fundamentais. Nesta teoria, a ansiedade é composta pela combinação da emoção fundamental do medo com outras duas ou mais emoções, sendo vista como uma percepção do indivíduo em uma situação de perigo (BANDEIRA, 2002).

Em adição a esta teoria, há também a Teoria do Modelo Complexo de Sentimentos (RUSSEL, 1980), onde os sentimentos são classificados como bipolares e inter-relacionados em três dimensões: agradável-desagradável; ativação-não ativação; e, dominância-submissão. Sendo assim, o processo cognitivo orienta a interpretação do sentimento de forma a direcioná-lo e associá-lo à uma determinada experiência. Dentro desta teoria, a ansiedade é vista como um sentimento de dimensões desagradáveis (desprazer), com alta ativação e de caráter submisso (BANDEIRA, 2002).

Em síntese ansiedade é compreendida como um fenômeno emocional estressante, relacionado a situações percebidas de medo em associação à outras emoções fundamentais, onde o sujeito apresenta quadros de alta ativação. Em outras palavras, segundo Weinberg & Gould (2017), a ansiedade é “um estado emocional negativo caracterizado por nervosismo, preocupação e apreensão, associado à ativação ou excitação do corpo” (BANDEIRA, 2002; SAMULSKI, 2000).

A ativação, referida anteriormente, é definida por Weinberg & Gould (2017) como “uma combinação de atividades fisiológicas e psicológicas em uma pessoa e refere-se a dimensões de intensidade da motivação em determinado

momento”. Altos níveis de ativação indicam que um indivíduo está altamente excitado mentalmente e fisicamente, e também apresenta níveis aumentados de frequência cardíaca, respiração e sudorese. Embora ela trate de excitação, e envolva intensidades de motivação, a ativação não ocorre somente quando um indivíduo experiencia emoções fundamentais e não fundamentais prazerosas, ou seja, ela é uma característica típica e consequente de determinados estados emocionais (BANDEIRA, 2002; SAMULSKI, 2000).

Tendo isto em perspectiva, um indivíduo pode apresentar diferentes tipos de ansiedade, sendo elas a **ansiedade cognitiva**, que trata de seu componente associado ao pensamento, e a **ansiedade somática**, que é associada à ativação. Ambos as subdivisões possuem alterações em diferentes níveis de **estados de ansiedade**, que nada mais são que estados emocionais compostos por sentimentos apreensivos e de tensão conscientemente percebidos, associados ou não à ativação (WEINBERG & GOULD, 2017; SPIELBERGER, 1972).

Consequentemente, é possível observar, em determinados momentos, um indivíduo com alto grau de preocupação e pensamentos negativos e/ou com mudanças fisiológicas percebidas. Respectivamente, se diz respeito as estas situações como **estado de ansiedade cognitiva** e **estado de ansiedade somática** (WEINBERG & GOULD, 2017; SPIELBERGER, 1972).

Em outra perspectiva, pode-se referir-se à ansiedade como um componente estável da personalidade, definida como **traço de ansiedade**. Um traço de personalidade, é uma porção do núcleo psicológico de um indivíduo, portanto, trata-se de uma característica de predisposição permanente e consistente de um indivíduo à uma situação específica. Sendo assim, a ansiedade traço é concebida como uma predisposição individual para percepção de situações de perigo e/ou medo em situações específicas. Indivíduos com altos níveis de ansiedade traço são mais predispostos a perceber tais situações, permitindo-os responder a elas com altos níveis de estados de ansiedade (SPIELBERGER, 1972; BANDEIRA, 2002; WEINBERG & GOULD, 2017).

A personalidade de um indivíduo trata do conjunto das características que o tornam único, sendo esta compostas pelos traços individuais de personalidade, como, por exemplo, suas necessidades, motivos e interesses. Existem três níveis básicos de sua estrutura, o núcleo psicológico, que inclui fatores como motivos,

interesses e crenças do indivíduo, revelando seu “eu real”, sendo ele a parte mais estável da personalidade; as respostas típicas, que nada mais são que nossa adaptação ao ambiente, sendo expressa pelos comportamentos recorrentes; e, por último, o comportamento relacionado ao desempenho de papéis, onde o comportamento do indivíduo muda de acordo com o ambiente em que ele se situa, envolvendo sua percepção sobre os possíveis papéis sociais presentes no mesmo, de forma que diferentes ambientes necessitam de diferentes papéis (SAMULSKI, 2002; WEINBERG & GOULD, 2017).

Em suma, pode-se compreender que um indivíduo pode apresentar alterações cognitivas e/ou somáticas quando em um estado ansioso. Ademais, indivíduos cujo traço de personalidade apresenta elevados níveis de ansiedade traço tendem a perceber mais situações que despertam emoções e sentimentos de medo, apreensão e nervosismo, bem como níveis de excitação e ativação mais intensamente que outros (SAMULSKI, 2002; WEINBERG & GOULD 2017; SPIELBERGER, 1972).

A ansiedade competitiva surge a partir da Teoria Multidimensional da Ansiedade, proposta por Martens, Vealey & Burton (1990), onde há três componentes que a compõe: a ansiedade cognitiva, a ansiedade somática e a autoconfiança. Esses componentes são todos estados emocionais experimentados durante a competição esportiva.

Sendo o único componente ainda não apresentado, a **autoconfiança** é apresentada como um componente cognitivo positivo, onde o indivíduo crê em sua capacidade de obter sucesso na tarefa à qual está realizando. Este componente é oposto ao de ansiedade cognitiva (MARTENS, VEALEY & BURTON, 1990). Ainda, pode ser entendida como a crença do atleta em sua capacidade de realizar as demandas necessárias para alcançar o sucesso (FRISCHKNECHT, 2014).

Quando posta frente ao desempenho, a ansiedade competitiva vem sendo estudada, tendo como principal instrumento para sua avaliação o *Competitive State Anxiety Inventory*, desenvolvido por Martens, Et al. (1990). Ainda, em um estudo de revisão sistemática, Paludo, Et al. (2016), mostra que dentre os componentes propostos por Martens, a autoconfiança é o que melhor apresenta correlação positiva, de forma isolada, com o desempenho esportivo. Combinado aos outros componentes da ansiedade competitiva, se observa melhores

resultados de desempenho com maiores níveis de autoconfiança junto de menores níveis de ansiedade cognitiva e somática (PALUDO, Et al., 2016).

2.2 Voleibol

O voleibol é um esporte coletivo único, criado por William Morgan em 1895 em Massachusetts, nos Estados Unidos. No Brasil, o esporte foi introduzido entre 1915 e 1916, sendo amplamente difundido no país até a atualidade. Desta forma, têm-se o voleibol como um fenômeno esportivo de alta relevância, devido à sua ampla difusão e importância histórica, social e cultural (BIZZOCCHI, 2008; OLIVEIRA & RIBAS, 2019).

Este esporte é praticado em uma quadra retangular separada por uma rede em dois quadrados idênticos. Cada lado da quadra possui uma área de 9m², onde se posicionam sistematicamente os 6 jogadores de cada equipe. Seu objetivo é fazer com que a bola toque o solo no lado adversário da quadra, de forma a se efetivar um ponto. O jogo é constituído por 3 a 5 “sets” de 25 pontos, excedendo-se o último set, conhecido como “tie break”, que é disputado em 15 pontos (BIZZOCCHI, 2008).

Assim como outros esportes, o voleibol é jogado com sua bola oficial específica, contudo, diferente da maioria dos esportes, esta não pode ser retida pelos jogadores, sendo feito um voleio através de toques instantâneos na bola, normalmente com as mãos, punhos e antebraços, sendo realizados até três toques (excedendo-se o do bloqueio), desde que não sejam feitos consecutivamente pelo mesmo jogador. Padrões de movimentos específicos, realizados no momento de interação do jogador com a bola, são denominados fundamentos e, a partir deles, que se desenvolve o jogo (BIZZOCCHI, 2008).

A lógica interna do jogo consiste numa relação de cooperação e oposição, que busca o cumprimento de seu objetivo através da construção de um ataque eficiente, que normalmente acontece pela realização dos fundamentos situacionais do passe (ou defesa), levantamento e ataque. Um exemplo de uma construção de ataque no voleibol é quando, após a realização do passe, a levantadora, que está na rede, levanta a bola de costas para a oposta, no fundo da quadra, na tentativa de sobrepor o bloqueio adversário. Em contrapartida, também se busca neutralizar o ataque da outra equipe através dos sistemas táticos defensivos, que normalmente contam com a realização do fundamento do bloqueio por 1 ou mais jogadores na quadra de ataque e o posicionamento tático dos jogadores da defesa, e também dos que não participam do bloqueio, afim de

evitar a confirmação do ponto adversário. Um exemplo disto é quando o jogador da ponta salta no bloqueio junto do levantador adversário, presente na rede, para evitar que este realize uma jogada de segunda, ou quando o jogador da defesa se posiciona logo atrás do bloqueio para recuperar uma largada (jogada combinada previamente à ação) (BOJIKAN, 2008; OLIVEIRA & RIBAS, 2019).

Por conseguinte, o jogo de voleibol é constituído através dos fundamentos técnicos característicos da modalidade e pela interação cooperativa da equipe e pela interação opositiva com a equipe adversária. Como outros esportes coletivos, o voleibol possui seus fundamentos técnico-táticos próprios, definidos por padrões de movimentos específicos e atípicos que caracterizam a especificidade do esporte (BOJIKAN, 2008; BIZZOCCHI, 2008; OLIVEIRA & RIBAS, 2019).

É importante ressaltar que, quando se pensa em fundamentos técnico-táticos, não se compreende apenas sua execução adequada (eficiência), mas também a obtenção de sucesso com esta ação, o que pode ser chamado de eficácia. Ou seja, uma levantadora pode possuir eficiência na realização do toque para o levantamento, porém este fundamento pode não ser eficaz caso não chegue adequadamente para a realização do ataque pelas outras jogadoras. Ainda, a técnica, de forma isolada, trata de uma execução objetiva que visa a melhor execução de um movimento, enquanto a tática compreende a forma como o desenvolver do jogo é feito pelas ações dos jogadores. Em síntese, pode-se associar a técnica como uma combinação de movimentos característicos, que carece de eficiência para cumprir seus objetivos e a tática com o contexto a qual estes movimentos são inseridos, sejam eles de forma eficaz ou não (MESQUITA, MARQUES & MAIA, 2001; FILIN, 1996).

A tática de jogo no voleibol apresenta dois momentos durante o “*rali*” (termo utilizado para nomear a disputa de um ponto), o momento ofensivo, caracterizado principalmente pela construção do ataque, e, em contrapartida, o momento defensivo, caracterizado pela tentativa de contrapor a ação ofensiva adversária. Um exemplo de táticas ofensivas e defensivas são, respectivamente, a marcação de bolas com os centrais e os ponteiros, de forma a enganar e sobrepor o bloqueio adversário, enquanto é uma boa estratégia defensiva deixar o atacante da ponta que está na rede com menos quadra para realizar o fundamento do

passe, para que este possa se concentrar mais na sua ação ofensiva (BIZZOCCHI, 2008).

De certa forma, a ação ofensiva inicia-se com uma ação defensiva, pois, como visto anteriormente, o jogo se inicia com o saque, e logo em seguida se dá as disputas de *ralis*. Contudo, devido ao surgimento de novas técnicas para este fundamento, tornando-o mais ofensivo, houve também a necessidade da equiparação no sistema defensivo/receptivo, dentre eles a utilização do fundamento da manchete, a partir do início dos anos 60, e organização de sistemas táticos de jogo (BOJIKAN, 2008; BIZZOCCHI, 2008).

Para se entender a recepção, primeiro é preciso entender o sistema tático de jogo, que visam potencializar as funções de cada jogador. O sistema mais utilizado em todo o mundo é o sistema tático do 5x1, onde há cinco jogadores atacantes e um levantador. A partir disso, no momento do passe, o levantador é escondido, pois, sua função é na atuação durante o segundo toque na bola, com o fundamento do levantamento. Já os demais jogadores ocupam os demais lugares na quadra (BOJIKAN, 2008; BIZZOCCHI, 2008; CAMANHO, COSTA & SCAGLIA, 2020).

Com a realização da recepção, o levantamento entra em cena, sendo ele dependente de três variáveis: condição de distribuição, criação das oportunidades e efeitos da solução. A partir disto, se inicia a finalização da construção do ataque, sendo feita, normalmente, com o fundamento da cortada em suspensão (BIZZOCCHI, 2008; CAMANHO, COSTA & SCAGLIA, 2020).

E, por fim, a defesa, que busca sempre sobrepor a construção do ataque adversária, tem como objetivos: impedir que a equipe adversária ganhe o *rali* e dar início a uma nova construção de ataque. Como o sistema tático de recepção e a construção do ataque, bem como as técnicas utilizadas para tal, os sistemas defensivos necessitaram equiparar-se para que o jogo mantenha seu equilíbrio ofensivo/defensivo. Nessa perspectiva, os sistemas defensivos, parecidos com os sistemas táticos de recepção, têm se aprimorado. O sistema defensivo de meia lua é um dos sistemas mais eficiente e praticado atualmente, consistindo na realização de um bloqueio duplo nas extremidades, e o posicionamento dos outros jogadores em um semicírculo que se inicia na quadra de ataque e termina na posição diretamente oposta a ela (BOJIKAN, 2008; BIZZOCCHI, 2008).

2.3 Desempenho Esportivo no Voleibol

O voleibol, assim como outros esportes coletivos, apresenta um cenário competitivo capaz de despertar diversas emoções, tais como o ímpeto de ganhar, o prazer, a felicidade, ansiedade e outros sentimentos. Por se constituir de um jogo dinâmico onde as disputas de pontos ocorre de forma rápida observamos um florescimento do sentimento competitivo. Contudo, não são todos os indivíduos que lidam bem com este ambiente, havendo pessoas mais sensíveis ao estresse que acompanha toda essa gama de sentimentos. E, como conceituado anteriormente, este estresse pode tornar-se precursor da ansiedade, que, por sua vez, é capaz de influenciar no desempenho esportivo (BOJIKIAN, 2008; WEINBERG & GOULD, 2017).

Com a proposta de compreender melhor a avaliação do desempenho técnico-tático no voleibol, Collet (2010), desenvolveu e validou o Instrumento de Avaliação do Nível de Desempenho Técnico-Tático no Voleibol (IAD-VB). Esta ferramenta põe em destaque algumas perspectivas sobre o desempenho no voleibol.

Em primeiro lugar, a perspectiva sobre a técnica, que possibilita se analisar a eficiência e eficácia da execução motora. Em sequência, a perspectiva tática, permitindo analisar a tomada de decisão e o ajustamento para cada ação de jogo. Desta maneira, é possível quatro subcomponentes do desempenho: a eficiência, que trata da execução dos movimentos; a eficácia, abordando o resultado obtido através da ação; a tomada de decisão, referente à escolha de respostas para as situações enfrentadas; e, por fim, o ajustamento, sendo a ação adequada para as situações (COLLET, 2010).

Em relação ao subcomponente da eficiência, no contexto do voleibol ela se torna fundamental, pois, além de ser o componente mais visualmente observável, também apresenta extrema importância no decorrer do jogo, uma vez que a não execução adequada de determinados fundamentos pode implicar na infração de regras. Ainda mais, uma boa eficiência é o precursor da eficácia, visto que uma boa execução gera melhores resultados. Por fim, ela também é associada às diferentes posições presentes no voleibol, devido à especialização de determinadas ações (COLLET, 2010).

O subcomponente da eficácia é dado pelo resultado da ação, o a torna intimamente relacionada com a eficiência. Contudo, mesmo estando relacionado, este subcomponente não é totalmente dependente da boa execução motora. Em síntese, é possível que uma ação no jogo seja eficaz mesmo não sendo eficiente, embora seja observada uma forte correlação entre a eficiência e eficácia (COLLET, 2010).

A tomada de decisão, como subcomponente de desempenho técnico-tático no voleibol, pode ser descrita como a escolha feita pelo jogador a partir de experiências anteriores, sob uma perspectiva cognitiva do seu conhecimento e compreensão da tática de jogo, dentro de uma determinada situação, envolvendo a reação e antecipação do jogador. Uma boa tomada de decisão é uma escolha que resulta em ponto ou que apresenta uma grande probabilidade disso. No voleibol, a tomada de decisão deve ser precisa e muito rápida, devido às regras da modalidade, onde o ponto é efetuado assim que a bola toca o chão (COLLET, 2010).

Por fim, o ajustamento é tido como a percepção do jogo como um todo, tomando as melhores decisões possíveis para cada situação. Isto requer dos jogadores adequações constantes de acordo com o sentido do jogo, de forma que busquem sempre cooperar com sua equipe e sobrepor os adversários (COLLET, 2010).

3 OBJETIVO

O objetivo do presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é de coletar subsídios teóricos, através de uma revisão integrativa da literatura, acerca da relação entre a ansiedade pré-competitiva e o desempenho na modalidade de voleibol, através da busca sistemática em bases de dados científicas (SciELO, Web of Science e SCOPUS) no período de 2010 a 2023. Espera-se encontrar, com a presente revisão integrativa, estudos que mostrem a relação dos componentes da ansiedade com o desempenho esportivo do voleibol, independente de sexo, idade e naturalidade, afim de possibilitar que Profissionais da Educação Física atuantes na modalidade esportiva do voleibol sejam capazes de utilizar dos resultados encontrados para sua atividade profissional.

4 MÉTODO

4.1 Revisão Integrativa

O método utilizado para o presente trabalho de conclusão de curso foi a Revisão Integrativa da Literatura, por tratar de um objeto de estudo de impacto no ramo da psicologia esportiva, mais especificamente do voleibol. Ao contrário de uma revisão de literatura, uma revisão integrativa, é um instrumento da Prática Baseada em Evidência (PBE), e deve apresentar uma metodologia rigorosa sobre o que e como será pesquisado, buscando levantar, reunir e avaliar criticamente estudos sobre um determinado tema, bem como apresentar e discorrer sobre sua aplicabilidade. Todavia, por mais que rigorosa, esse tipo de revisão não possui uma metodologia específica, e, portanto, a recomendação PRISMA (2015), como consta na **Tabela 1**, foi utilizada como orientação base para a produção desta revisão (BRIZOLA & FANTIN, 2016; OKOLI, 2019; SOUZA, SILVA & CARVALHO, 2010).

A recomendação PRISMA (2015) é um *checklist* que apresenta 27 itens que dão direção à construção de uma revisão da literatura, sendo apresentados tópicos relevantes desta elaboração, e também possibilidades de alterações em seus tópicos, dentro de algumas circunstâncias específicas, caso necessário. O que é ideal para uma revisão integrativa, visto que essa busca combinar os conhecimentos da literatura teórica e empírica para a compreensão completa do fenômeno analisado (SOUZA, SILVA & CARVALHO, 2010).

Tabela 1 – PRISMA Checklist (2015)

Seção/Tópico	N. do Item no Checklist	O que deve ser feito
Título		
Título	1	Identifique o artigo como uma revisão sistemática, meta-análise ou ambos
Resumo		
Resumo estruturado	2	Apresente um resumo estruturado incluindo, se aplicável: referencial teórico; objetivos; fonte de dados; critérios de elegibilidade; participantes e intervenções; avaliação do estudo e síntese dos métodos; resultados; limitações; conclusões e implicações dos achados principais; número de registro da revisão sistemática.
Introdução		
Racional	3	Descreva a justificativa da revisão no contexto do que já é conhecido.
Objetivos	4	Apresente uma afirmação explícita sobre as questões abordadas com referência a participantes, intervenções, comparações, resultados e delineamento dos estudos (PICOS).
Métodos		
Protocolo e registro	5	Indique se existe um protocolo de revisão, se e onde pode ser acessado (ex.: endereço eletrônico), e, se disponível, forneça informações sobre o registro da revisão, incluindo o número de registro.
Crítérios de elegibilidade	6	Especifique características do estudo (Ex.: PICOS, extensão do seguimento) e características dos relatos (ex.: anos considerados, idioma, situação da publicação) usadas como critérios de elegibilidade, apresentando justificativa.
Fontes de informação	7	Descreva todas as fontes de informação na busca (ex.: base de dados com datas de cobertura, contato com autores para identificação de estudos adicionais) e data da

		última busca.
Busca	8	Apresente a estratégia completa de busca eletrônica para pelo menos uma base de dados, incluindo os limites utilizados, de forma que possa ser repetida.
Seleção dos estudos	9	Apresente o processo de seleção dos estudos (isto é, rastreados, elegíveis, incluídos na revisão sistemática, e, se aplicável, incluídos na meta-análise).
Processo de coleta de dados	10	Descreva o método de extração de dados dos artigos (ex.: formulários piloto, de forma independente, em duplicata) e todos os processos para obtenção e confirmação de dados dos pesquisadores.
Lista dos dados	11	Liste e defina todas as variáveis obtidas dos dados (ex.: PICOS, fontes de financiamento) e quaisquer suposições ou simplificações realizadas.
Risco de viés em cada estudo	12	Descreva os métodos usados para avaliar o risco de viés em cada estudo (incluindo a especificação se foi feito no nível dos estudos ou dos resultados), e como esta informação foi usada na análise de dados.
Medidas de sumarização	13	Defina as principais medidas de sumarização dos resultados (ex.: risco relativo, diferença média).
Síntese dos resultados	14	Descreva os métodos de análise dos dados e combinação de resultados dos estudos, se realizados, incluindo medidas de consistência (por exemplo, I ²) para cada meta-análise.
Risco de viés entre estudos	15	Especifique qualquer avaliação do risco de viés que possa influenciar a evidência cumulativa (ex.: viés de publicação, relato seletivo nos estudos).
Análises adicionais	16	Descreva métodos de análise adicional (ex.: análise de sensibilidade ou análise de subgrupos, metarregressão), se realizados, indicando quais foram pré-especificados.
Resultados		

Seleção de estudos	17	Apresente números dos estudos rastreados, avaliados para elegibilidade e incluídos na revisão, razões para exclusão em cada estágio, preferencialmente por meio de gráfico de fluxo.
Características dos estudos	18	Para cada estudo, apresente características para extração dos dados (ex.: tamanho do estudo, PICOS, período de acompanhamento) e apresente citações.
Risco de viés em cada estudo	19	Apresente dados sobre o risco de viés em cada estudo e, se disponível, alguma avaliação em resultados (ver item 12)
Resultados de estudos individuais	20	Para todos os desfechos considerados (benefícios ou riscos), apresente para cada estudo: (a) sumário simples de dados para cada grupo de intervenção e (b) efeitos estimados e intervalos de confiança, preferencialmente por meio de gráficos de floresta.
Síntese dos resultados	21	Apresente resultados para cada meta-análise feita, incluindo intervalos de confiança e medidas de consistência.
Risco de viés entre estudos	22	Apresente resultados da avaliação de risco de viés entre os estudos (ver item 15).
Análises adicionais	23	Apresente resultados de análises adicionais, se realizadas (ex.: análise de sensibilidade ou subgrupos, metarregressão [ver item 16]).
Discussão		
Sumário da evidência	24	Sumarize os resultados principais, incluindo a força de evidência para cada resultado; considere sua relevância para grupos-chave (ex.: profissionais da saúde, usuários e formuladores de políticas).
Limitações	25	Discuta limitações no nível de estudos e dos desfechos (ex.: risco de viés) e no nível da revisão (ex.: obtenção incompleta de pesquisas identificadas, viés de relato).
Conclusões	26	Apresente a interpretação geral dos resultados no contexto de outras evidências e implicações para futuras pesquisas.

Financiamento		
Financiamento	27	Descreva fontes de financiamento para a revisão sistemática e outros suportes (ex.: suprimento de dados); papel dos financiadores na revisão sistemática.

Nesta perspectiva, a presente revisão busca procurar possíveis lacunas e consensos acerca da temática “ansiedade pré-competitiva no voleibol” bem como sua relação com o desempenho esportivo. Com este ponto inicial estabelecido, é preciso que se defina também uma janela de pesquisa, o qual irá englobar as conceituações básicas para o entendimento do assunto, englobando três grandes temáticas, sendo elas: ansiedade; voleibol; e, por fim, o desempenho (BRIZOLA & FANTIN, 2016; OKOLI, 2019; SAMPAIO & MANCINI, 2007).

4.2 PICOS

Para se definir uma melhor questão de pesquisa, optou-se por procurar estudos que incluíssem atletas ou jogadores de voleibol, de ambos os sexos. Os estudos pesquisados devem avaliar os níveis de ansiedade competitiva destes indivíduos, de forma a relacioná-los com o desempenho esportivo dos mesmos, ou da equipe como um todo, afim de melhorar a compreensão da relação da ansiedade com o desempenho esportivo na modalidade voleibol.

A partir disto, busca-se compreender: Quais aspectos da ansiedade competitiva mais influenciam o desempenho dos atletas de voleibol? Como a ansiedade competitiva é capaz de influenciar no desempenho esportivo no voleibol? Quais fatores de desempenho podem ser influenciados pela ansiedade competitiva?

4.3 Estratégia de busca

Foram incluídos estudos publicados entre os anos de 2010 e 2023, para que não houvesse uma lacuna temporal muito grande, e também devido à crescente de publicações na temática escolhida nos últimos anos. Foram incluídos estudos tanto na língua portuguesa (português – Brasil) quanto na língua inglesa, por serem, respectivamente, a língua natural do presente autor e a língua mais difundida no mundo, permitindo obter-se mais resultados. E, por fim, considerou-se apenas estudos cuja publicação encontra-se em situação regular. Para a obtenção dos estudos, optou-se pela procura em três grandes bases de dados: Scientific Eletronic Library Online (SciELO), Web of Science e SCOPUS.

Para a primeira base de dados definida, SciELO, tomou-se com estratégia de busca a pesquisa das palavras “voleibol”, com obrigatoriedade nos resumos, “ansiedade” e “performance”. Todas as três palavras foram pesquisadas com a operadores booleanos “AND”. Nas outras bases de dados, Web of Science e SCOPUS, as palavras de busca foram definidas como “volleyball”, também com obrigatoriedade nos resumos, e “competitive anxiety” e “performance”. Assim como na primeira base de dados, as palavras apresentaram a interlocução “AND” durante a busca.

Desta forma, foram organizados no **Quadro 1** os dados de interesse retirados de cada estudo, sendo eles: Autores; ano de publicação; período; título; objetivo; amostra; protocolo (com ênfase em destacar os instrumentos utilizados); e conclusão. Como forma de reduzir um possível viés de pesquisa, foi analisado o tipo de instrumento utilizado nos estudos, buscando compreender a validade deles e sua aplicabilidade.

Destaco ainda que, mesmo que tenham sido feitas estas medidas como forma de reduzir o viés de pesquisa, ainda é possível que o mesmo ocorra, visto que os estudos incluídos não apresentam, necessariamente, os mesmos objetivos, permitindo uma maior amplitude teórica e metodológica nos resultados obtidos.

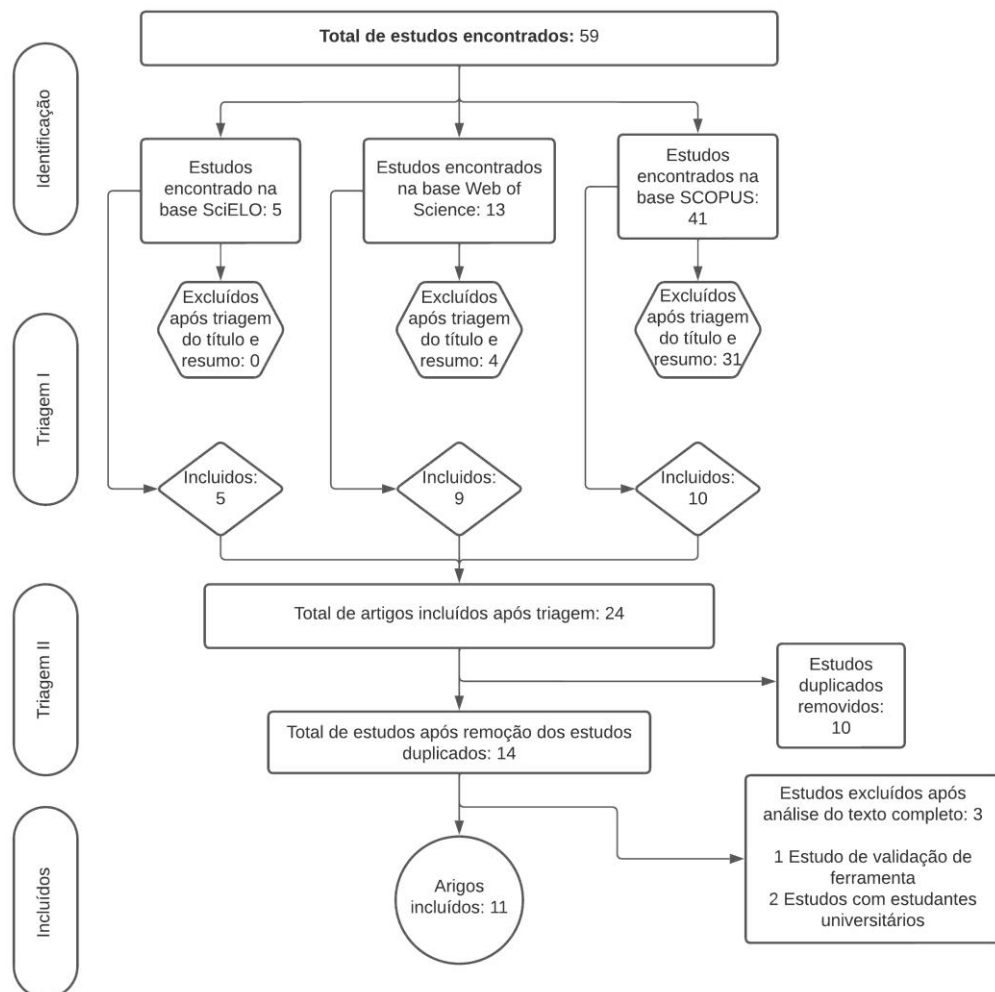
5 RESULTADOS

Através das estratégias de busca definidas obteve-se os seguintes resultados: na base de dados SciELO foram encontrados 5 estudos, dos quais todos aderiram aos critérios de inclusão; na base Web of Science foram encontrados 13 estudos, sendo que apenas 9 foram incluídos; por último, na base SCOPUS, foram encontrados 41 estudos, contudo, apenas 10 deles passaram pelo critério de inclusão.

Por fim, a quantidade total da somatória de artigos encontrados foi de 24 artigos. Dentre estes artigos, 10 foram descartados por serem duplicados, e dois artigos foram retirados posteriormente por seus participantes não enquadrarem nos requisitos de inclusão da presente revisão. Desta forma, restaram um total de 12 artigos. Os resultados da busca encontram-se na **Diagrama 1**.

Os dados dos estudos incluídos para a presente revisão estão presentes no **Quadro 1**. Posteriormente, após análise mais detalhada do texto completo, três estudos foram excluídos do produto final. Um estudo foi excluído por tratar da validação de uma ferramenta que utilizou como complemento os níveis de ansiedade, e outros dois estudos por conterem como amostra estudantes universitários, e não atletas e/ou jogadores da modalidade voleibol.

Diagrama 1 – Desenho da pesquisa



Quadro 1 –Estudos incluídos na revisão.

Autor/Ano/Período	Título	Objetivo	Amostra	Protocolo/Instrumentos	Conclusão
FORTES, L. S, et al. 2019. Psicologia: Teoria e Pesquisa.	Efeito da ansiedade competitiva na tomada de decisão em jovens atletas de voleibol	Analisar o efeito da ansiedade competitiva sobre a tomada de decisão no voleibol.	Jovens atletas de voleibol do sexo masculino com idade entre 15 e 17 anos.	<i>Competitive State Anxiety Inventory – 2 Reduzido (CSAI-2R)</i> ; <i>Game Performance Assessment Instrument (GPAI)</i> ; filmagem dos jogos; tomada de decisão analisada por 2 especialistas experientes em voleibol, pelos componentes de LOPES, et al. (2016).	Ansiedade como fator interveniente na tomada de decisão de jovens atletas de voleibol; relação negativa entre os componentes somáticos e cognitivos da ansiedade com a tomada de decisão; relação positiva do componente de autoconfiança com a tomada de decisão.

MACHADO, T.A, et al. 2016. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte.	Ansiedad e estado pré-competitiva em atletas de voleibol infanto-juvenis	Comparar níveis de ansiedade pré-competitiva entre os seguintes aspectos: atletas do sexo masculino e sexo feminino; entre equipe campeã e vice-campeã de ambos os sexos; entre atletas titulares e reservas de ambos os sexos; entre o tempo de prática de ambos os sexos.	Quatro equipes finalistas da Taça Paraná de Voleibol 2011 (duas equipes masculinas e duas equipes femininas), na categoria infanto-juvenil (entre 15 e 17 anos). Tempo de prática dos atletas entre 3 e 7 anos.	CSAI-2R; questionário sociodemográfico (destaque em tempo de prática e participação em competições estaduais ou nacionais).	Sem diferenças significativas para ansiedade pré-competitiva em geral entre homens e mulheres e entre equipes campeãs e vice-campeãs; diferença significativa para ansiedade pré-competitiva no geral entre atletas mulheres titulares e reservas; sem diferença significativa para ansiedade pré-competitiva e tempo de prática para ambos os sexos.
--	---	--	--	--	--

SILVA, et al. 2014. Revista de Educação Física UEM.	Ansiedad e e desempenho de jogadoras de voleibol em partidas realizadas dentro e fora de casa	Avaliar os efeitos da ansiedade nos aspectos técnicos de uma equipe de voleibol durante partidas realizadas dentro e fora de casa.	13 Jogadoras de uma equipe infanto-juvenil entre 15 e 17 anos de idade	Questionário de identificação; Inventário de Ansiedade de Beck (BAI); CSAI-2; Tabela de Scout do jogo seguindo os padrões da Confederação Brasileira de Vôlei.	Desempenho melhor como mandante; níveis leves de ansiedade durante a temporada; sem diferença significativa nos níveis de ansiedade entre mandante e visitante; excedendo o bloqueio positivo, todos os fundamentos foram melhores executados em partidas realizadas em casa.
SONOO, et al. 2010. Motriz.	Ansiedad e e desempenho: um estudo com uma equipe infantil de voleibol feminino	Analisar ansiedade traço e estado e sua relação com o desempenho pré-competitivo e competitivo no voleibol.	9 Atletas de voleibol feminino infantil, entre 12 e 14 anos.	CSAI-2; <i>Sport Competition Trait Anxiety Test</i> (SCAT).	Sem diferenças significativas na ansiedade traço das atletas nas fases preparatória e competitiva; variação considerável da ansiedade estado na fase competitiva em relação à fase

					preparatória (aumento do componente cognitivo e diminuição da autoconfiança).
FREITAS-JÚNIOR, et al. 2021. Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte	The match difficulty modulates coping strategies but not competitive anxiety in male volleyball athletes during tournament with congested schedule	Analisar a ansiedade competitiva e o enfrentamento durante competição com calendário congestionado de acordo com a dificuldade do jogo.	11 Atletas de voleibol masculino .	CSAI-2R; <i>Athletic Coping Skills Inventory-28</i> (ACSI-28) determinados níveis de dificuldade do jogo (DJ) de cada partida após as mesmas.	Não houve mudança nos níveis de ansiedade entre as partidas; Diferenças em alguns escores da escala ACSI-28, havendo diferença entre partidas com nível de DJ mais alto e mais baixo; os atletas modularam as estratégias de coping de acordo com o nível de DJ.

SILVA, et al. 2022. Retos-Nuevas Tendencias em Educacion Fisica Deporte y Recreacion	Pre-competitive anxiety in amateur volleyball athletes	Identificar dimensões da ansiedade mais percebidas entre os atletas (nos níveis de resposta, intensidade e frequência); analisar o efeito da variável sexo na percepção das dimensões da ansiedade.	62 Atletas amadores de voleibol entre 21 e 39 anos de idade, com tempo de prática entre 3 e 21 anos e que treinam entre 2 a 4 dias por semana. 25 atletas homens e 37 atletas mulheres.	Questionários sociodemográficos (nome, idade, sexo, tempo de prática, campeonatos que participou e treinos por semana); CSAI-2R.	Autoconfiança foi a dimensão mais percebida pelos atletas; diferença significativa na dimensão da ansiedade cognitiva em comparação à ansiedade somática; sem diferenças significativas nos níveis de ansiedade entre os sexos.
STANOVIC, MILIC & GRGANTOV. 2020. ACTA Kinesiologica.	Competitive state anxiety and self-esteem in youth female volleyball players of different player	Analisar diferenças interposicionais relativamente ao nível de auto-estima global e ansiedade estado	204 Jovens Croatas jogadoras de voleibol federadas, com idade entre 13 e 15 anos de idade.	Escala de Autoestima de Rosenberg (RSE); CSAI-2.	Não houve variação interposicional significativa para autoestima; jogadoras mais bem sucedidas apresentam maiores níveis de todas as variáveis observadas

	roles and competitive efficacy	competitiva .			(ansiedade cognitiva, somática e autoestima).
MATESIC, GRGANTOV & CULAR. 2011. 6th International Scientific Conference on Kinesiology: Integrative Power of Kinesiology.	Competitive state anxiety in female volleyball players	Testar nível e direção da ansiedade estado competitiva das atletas.	66 Jogadoras de voleibol competidoras de campeonatos juniores da Dalmácia.	CSAI-2R; identificação das 1 ^o e 6 ^o colocadas.	Em média, jogadoras de voleibol apresentam um baixo nível de ansiedade somática e um nível moderado de ansiedade cognitiva e autoconfiança; diferença significativa entre as equipes na ansiedade cognitiva e o nível de autoconfiança; A equipe na 4 ^o colocação descobriu que níveis mais altos de autoconfiança surtiram em um efeito positivo no desempenho, em comparação às

					equipes em 1º e 2º lugar
KELECEK & KORUÇ. 2022. ACTA Medica Mediterranea.	Competitive anxiety and burnout: a longitudinal study	Investigar as mudanças na ansiedade competitiva, enfrentamentos e burnout do atleta durante uma temporada.	303 Atletas de voleibol entre 17 e 27 anos de idade, com prática entre 4 e 14 anos, treinando em média 7 dias por semana.	Athlete Burnout Questionnaire (ABQ); SCAT; e <i>Inventory of Coping Strategies in Competitive Sports</i> (ISCCS).	Ao longo da temporada a ansiedade competitiva aumentou; os valores do questionário de burnout apresentaram uma leve diminuição no meio da temporada, aumentando significativamente ao final da mesma; o score das estratégias de enfrentamento diminuiu e depois aumentou ao

					longo da temporada.
PATSIAOURA S, et al. 2017. <i>Annals of Applied Sport Science</i> .	The relationship of personality and trait anxiety between male and female volleyball players	Examinar possíveis correlações e diferenças de personalidade e de ansiedade traço entre jogadores e jogadoras de voleibol.	79 Atletas de voleibol, sendo 35 homens com idade entre 21 e 28 anos e 44 mulheres com idade entre 14 e 24 anos.	<i>International Personality Item Pool (IPIP); Trait Anxiety Questionnaire (TAQ)</i> .	Diferenças estatísticas para os componentes de extroversão, agradabilidade e estabilidade emocional; sem diferenças significativas entre ansiedade traço, consciência e habilidade intelectual/imaginação.
HAMID, et al. 2015. <i>Asian Journal of Information Technology</i> .	The effects of 3D virtual environment on pre competitive anxiety among volleyball	Investigar os efeitos do ambiente virtual 3D na ansiedade pré competitiva (cognitiva e somática,	80 Atletas malasianos (40 no grupo controle e 40 no grupo de intervenção)	Divisão dos participantes em 2 grupos (controle e intervenção); 12 sessões por mês de treinamento psicológico esportivo e do ambiente virtual 3D; CSAI-2; teste	O grupo de intervenção apresentou diferenças significativas no teste de ansiedade na aplicação pós-teste após controlar o efeito do pré-teste.

	athletes	em especial) antes e após intervenção do ambiente virtual 3D em atletas do voleibol.		de Kruskal Wallis.	
--	----------	---	--	--------------------	--

6 DISCUSSÃO

O objetivo deste trabalho é de coletar subsídios teóricos, por meio de uma revisão integrativa da literatura, afim de apresentar a relação entre a ansiedade pré-competitiva e o desempenho na modalidade de voleibol. Em concordância com a hipótese inicial, os resultados mostram que a ansiedade se relaciona com o desempenho esportivo, seja de forma direta ou indireta.

A personalidade, definida como o conjunto de características que torna um indivíduo único, é o objeto de estudo da psicologia esportiva mais estudado nas últimas décadas, embora sua relação com o esporte não esteja bem definida, devido à complexidade desta temática (SAMULSKI, 2009).

O conhecimento do perfil de personalidade dos atletas permite com que os treinadores tenham melhor entendimento sobre a responsividade dos atletas nas mais diversas situações vivenciadas no esporte. Dentre os traços da personalidade, o traço de ansiedade se destaca, pois, este remete ao quão sensível à percepção de situações de perigo e ameaça o indivíduo é. Ou seja, quanto maior o traço de ansiedade de um indivíduo for, mais perceptivo a tais situações ele tende a ser (BARA FILHO & RIBEIRO, 2005; WEINBERG & GOULD, 2017).

Dentre os artigos encontrados nas bases de dados, o estudo de Patsiaouras (2017) e Sonoo, et al. (2010), foram os únicos que trataram sobre o componente traço da ansiedade, buscando examinar possíveis correlações entre a personalidade e ansiedade traço entre jogadores e jogadoras de voleibol e sua relação com o desempenho pré-competitivo e competitivo no voleibol, respectivamente. Embora não tenham sido observadas diferenças em relação aos valores obtidos de ansiedade traço, foram obtidas diferentes características de personalidade entre os sexos (PATSHIAOURAS, 2017). Esta análise da personalidade foi realizada a partir da teoria do *big five*, que divide a personalidade em cinco dimensões, sendo elas: estabilidade/instabilidade; extroversão/introversão; abertura para experiências; sociabilidade; e conscientização (WEINBERG & GOULD, 2017). Por fim, acerca do traço de ansiedade, SONOO, et al. (2010) constatou que a ansiedade traço permanece inflexível em atletas durante a fase pré-competitiva e competitiva.

A ansiedade competitiva é um estado de ansiedade experimentado por atletas, cujo principal fator estressante é a competição (SAMULSKI, 2009). Utiliza-se a terminologia de ansiedade pré-competitiva durante as avaliações, pois, estas são sempre realizadas durante momentos que antecedem o evento competitivo. Os componentes dos estados de ansiedade competitiva, dentro da Teoria Multidimensional da Ansiedade (MARTENS, VEALEY & BURTON, 1990), ansiedade cognitiva e ansiedade somática, são percebidos em diferentes níveis, intensidades e frequência pelos atletas, que, por sua vez, possuem zonas individuais de funcionamento ótimo (IZOF), como proposto por Hanin (1994). Dentre os estudos encontrados na busca sistematizada, os resultados de SILVA, et al. (2022) corroboram com a literatura, mostrando ainda diferenças entre a frequência, intensidade e direção das dimensões da ansiedade. Em quesitos de frequência e intensidade, a dimensão mais percebida pelos atletas é a de autoconfiança, ansiedade cognitiva e ansiedade somática, respectivamente. Em relação à direção, a dimensão mais percebida é a de autoconfiança, seguida da ansiedade somática e, por último, a ansiedade cognitiva (SILVA, et al., 2022).

Este estudo também realizou a comparação entre os níveis de ansiedade percebidos entre homens e mulheres. Em adição, outro estudo encontrado (MACHADO, et al. 2016) também comparou a diferença dos valores de ansiedade pré-competitiva entre atletas do sexo masculino e feminino. Ambos os estudos não apresentaram diferença significativa entre os escores dos níveis de ansiedade (SILVA, et al. 2022; MACHADO, et al, 2016).

Outros estudos encontrados (FREITAS, et al., 2021; KELECEK & KORUÇ, 2022; MATESIC, GRGANTOV & CULAR, 2010; STANOVIC, MILIC & GRGANTOV, 2020), na busca pelas bases de dados, também avaliaram níveis de ansiedade estado pré-competitiva em atletas de voleibol. STANOVIC, MILIC & GRGANTOV (2020) analisaram a diferença interposicional dos níveis de auto-estima e ansiedade estado pré-competitiva de atletas no voleibol. Embora não tenham sido observadas diferenças significativas na média geral, foram observadas grandes diferenças nos níveis de ansiedade cognitiva entre algumas posições (líbero e levantadora), devido ao tipo de papel que cada jogadora desempenha durante o jogo.

Em contrapartida, o estudo de Matesic, Grgantovic & Cular (2010), que teve como objetivo testar o nível e direção da ansiedade competitiva de atletas de

voleibol, identificou em seus resultados que os níveis de ansiedade cognitiva e somática entre as atletas avaliadas foi bem próximo dos valores mínimos, atribuindo à autoconfiança um efeito positivo mediano na performance delas.

Ainda, o estudo de Freitas-Júnior (2021), incluído nos resultados da presente revisão, apontou que, mesmo em calendários congestionados, os atletas não apresentaram diferença entre os níveis de ansiedade competitiva das partidas com maiores classificações de níveis de dificuldade do jogo (DJ). Isto foi atribuído pelo próprio autor devido à participação dos atletas de nível internacional e pelo tempo de prática na modalidade, que foi superior a quatro anos. Outro estudo encontrado, de Machado, et al. (2016) teve entre um de seus objetivos comparar os níveis de ansiedade competitiva dos atletas com o tempo de prática deles. Embora não se trate de atletas de nível internacional, observou-se que não há diferenças entre os níveis de ansiedade competitiva entre atletas homens e mulheres e o seu tempo de prática (FREITAS-JÚNIOR, 2021; MACHADO, et al., 2016).

Ganhando destaque em alguns estudos encontrados (MATESIC, GRGANTOVIC & CULAR, 2010; SILVA, et al., 2022; SONOO, et al., 2010) na presente revisão, a autoconfiança surge como um fator crítico na relação ansiedade competitiva x performance. Para Matesic, Grgantovic & Cular (2010), por mais que o componente da ansiedade cognitiva tenha atingido escores semelhantes aos de autoconfiança, ela não teria tanta influência no desempenho das atletas investigadas, sendo esta influência atribuída a este último componente. Como apresentado anteriormente, Silva, et al., (2022) identificou em seu estudo que a autoconfiança é a dimensão mais percebida entre jogadores adultos de voleibol, e, quando observado em atletas entre 12 e 14 anos, é possível se observar alterações nos níveis de ansiedade competitiva na fase competitiva, quando comparada à fase preparatória, pelo aumento do componente cognitivo e diminuição do componente autoconfiança (SONOO, et al., 2010). Ainda, no estudo de Fortes, et al. (2019), a autoconfiança apresenta relação positiva com a tomada de decisão, um fator interveniente da performance no voleibol.

Em adição, a tomada de decisão em esportes de rendimento requer uma sinergia de fatores minuciosos que envolvem processos cognitivos e mentais, informações visuais, características da tarefa (objetivo, possibilidades, tempo

disponível) e experiências anteriores (SAMULSKI, 2009). Com a proposta de resolver problemas impostos pelas situações de jogo, as tomadas de decisão são fatores cruciais e influenciam diretamente o desempenho esportivo (JÚNIOR & de ALMEIDA, 2013). Contudo, por serem compostas de um fator cognitivo intrínseco ao indivíduo, esta também está sujeita a ser afetada pelos níveis de estado de ansiedade que os atletas se encontram durante a competição.

O estudo feito por Fortes, et al. (2019), encontrado durante as buscas da presente revisão, buscou analisar o efeito desta variável no desempenho do voleibol. Os resultados desta pesquisa apresentaram uma correlação negativa entre a ansiedade cognitiva e a ansiedade somática com o índice de tomada de decisão. Ou seja, quanto maiores os níveis de ansiedade experimentados por um atleta durante uma situação real de jogo, mais afetada negativamente será sua tomada de decisão, o que afeta o desempenho da equipe durante a competição (JÚNIOR & de ALMEIDA, 2013; WEINBERG & GOULD, 2017). E como foi apresentado anteriormente, foi observada uma correlação positiva da autoconfiança com a tomada de decisão, sugerindo que, quanto mais confiante um atleta estiver na sua capacidade de obter sucesso em suas ações, suas decisões tomadas serão mais eficientes durante o jogo (FORTES, et al., 2019).

Outra variável encontrada na presente revisão foi o *“Home advantage”*, que é o termo utilizado para tratar da vantagem de se jogar em casa (mandante) no esporte. Este fenômeno é possivelmente explicado por fatores, como por exemplo, a familiaridade com o local da competição, torcida, regras que favorecem a equipe residente e possíveis efeitos adversos da viagem. Em um estudo feito por CAMPOS, et al. (2015), foi possível observar o acontecimento deste fenômeno durante a Superliga Feminina de Voleibol (temporada 2012/2013), ao analisar os resultados de todos os jogos entre as 10 equipes participantes, observando que equipes mandantes obtém 53% das vitórias nos jogos.

Dentro dos estudos encontrado, a proposta de Silva, et, al. (2014), foi de avaliar a influência da ansiedade nos aspectos técnicos de uma equipe de voleibol em partidas dentro e fora de casa. O referido autor observou que não houveram diferenças entre os níveis de ansiedade em partidas como mandante e visitante no voleibol feminino. Ainda, os escores dos níveis de ansiedade encontrados foram baixos, o que demonstrou que a equipe observada

apresentava leves níveis de ansiedade percebida antes das partidas. Embora não tenha se verificado variações nos níveis de ansiedade, houve diferença na performance dos fundamentos. Quando jogaram como mandantes, as atletas apresentaram melhor desempenho, exceto pelo bloqueio positivo que foi melhor durante as partidas realizadas fora de casa (SILVA, et al., 2014).

Algumas estratégias vêm sendo adotadas como forma de melhorar fatores intervenientes do desempenho de atletas, como por exemplo a ansiedade pré-competitiva. Uma revisão sistemática, desenvolvida por Souza (2017), buscou investigar na literatura a eficácia do treino em realidade virtual em atletas, apresentando resultados promissores no equilíbrio, função e controle motor e desempenho com este tipo de intervenção. Embora tenham sido incluídos poucos artigos, apontados pelo autor como de qualidade metodológica baixa a moderada, ainda é trata-se de uma área passível de mais aprofundamentos. Ainda, como apontado no estudo encontrado durante a busca na presente revisão, Hamid, et al. (2015), realizou uma pesquisa cujo objetivo era de investigar a influência da intervenção com o ambiente virtual 3D na ansiedade pré-competitiva em atletas de voleibol. O estudo apresentou resultados importantes para o uso deste tipo de tecnologia, acompanhado do treinamento psicológico, visto que houveram reduções nos níveis de ansiedade pré-competitiva pré e pós intervenção em atletas malasianos.

A revisão integrativa da literatura é um método de pesquisa utilizado quando se quer amplo conhecimento acerca da temática de pesquisa. O trabalho de Rodrigues et al., (2021) é um exemplo de uma revisão sistemática construída com o propósito de verificar o que foi publicado nas revistas eletrônicas de educação física, esporte e psicologia acerca da ansiedade em atletas profissionais. À vista disso, a utilização desta metodologia, com uma temática semelhante, justifica pôr fim a escolha para a realização do presente trabalho.

Em soma, para que se obtenha um rigor metodológico, a recomendação PRISMA (2015) foi escolhido como forma de construção da revisão. Esta recomendação tem como objetivo ajudar autores a melhorarem os autores durante revisões sistemáticas e meta-análises. Embora tenha sido construído para revisões sistemáticas e meta-análises, o PRISMA *check list* e seu fluxograma vêm sendo utilizados em revisões integrativas na área da educação

física e psicologia, como nos estudos de Alencar et al. (2022), Kshesek, Souza & Leandro (2021), Silva et al. (2020) e Alves, Felipe & Oliveira (2022).

Desta maneira, friso que os resultados obtidos através da presente revisão são válidos, devido ao acompanhamento rigoroso da proposta metodológica acima. Além do mais, pela comparação entre os estudos encontrados, os instrumentos presentes nas metodologias corroboram com a proposta desta revisão integrativa, pois estes avaliam a ansiedade estado competitiva dos atletas, ou em alguns outros casos instrumentos de avaliação da ansiedade traço competitiva e, também, da personalidade e ansiedade traço (PRISMA, 2015).

Duas grandes variáveis foram observadas nos estudos encontrados, a ansiedade e a performance. A ansiedade foi avaliada principalmente pelo instrumento CSAI-2 (*Competitive State Anxiety Inventory*) e pelo SCAT (*Sport Competition Trait Anxiety Test*). E um estudo também foi observado o TAQ (*Trait Anxiety Questionnaire*). Desenvolvido por Martens, Vealey & Burton (1990), o CSAI-2 é um dos principais instrumentos para avaliação da ansiedade competitiva no esporte. Inicialmente tratava-se de um questionário com 27 itens, que, posteriormente, foi adaptado para 17 itens por Cox et al. (2003), sendo denominado como CSAI-2R (versão reduzida do CSAI-2). Este último modelo apresenta melhores índices de ajustamentos quando comparada à versão original do inventário, que apresentava índices de ajustamentos inadequados em atletas brasileiros. Este modelo do instrumento também apresentou menores invariâncias por gênero em comparação ao modelo original, bem como evidências de validade fatorial e confiabilidade, dispondo este instrumento como fidedigno e válido para avaliar ansiedade pré-competitiva e autoconfiança em atletas brasileiros (FERNANDES, VASCONCELOS-RAPOSO & FERNANDES, 2012).

A variável de desempenho foi avaliada de duas maneiras: uma tabela de *Scout* desenvolvida seguindo o padrão estatístico da Confederação Brasileira de Voleibol e pelo aplicativo *Data Volley*. Outro fator presente nos estudos foi a análise do desempenho a partir do resultado final dos jogos. O *Scout* desenvolvido foi estruturado da seguinte forma: 3 fundamentos (saque, bloqueio e ataque) classificados em ação, positivo e negativo. Os fundamentos de ação são aqueles onde a bola continua em jogo após a execução do fundamento,

enquanto os positivos e negativos são quando o ponto é efetuado para a equipe ou para a equipe adversária, respectivamente (SILVA, et al., 2014). Todavia, a falta de padrão observada gera uma lacuna metodológica, que pode ser evitada ao adotar-se a utilização de instrumentos validados que mensurem o desempenho no voleibol, como por exemplo, o IAD-VB, desenvolvido por Collet (2010), com o intuito de avaliar o desempenho individual dos jogadores, sob a perspectiva de diferentes componentes fundamentais do jogo.

De forma geral, o presente estudo concluiu que a ansiedade, dentro de sua teoria multidimensional, apresenta alterações, sendo que seus componentes mais significantes são o da autoconfiança, apresentando correlação positiva com o desempenho, e da ansiedade cognitiva, apresentando correlação negativa com o desempenho. A ansiedade somática apresentou também esta mesma correlação negativa, embora não tenha ganho tanto destaque quanto os outros dois componentes (SILVA, et al., 2014; SONOO, et al., 2010; SILVA, et al., 2022). Ainda, os estudos encontrados não avaliaram diretamente a relação ansiedade e desempenho no voleibol, mas sim a ansiedade associada a outros fatores que apresentam relação com o desempenho, como por exemplo, a tomada de decisão e jogar dentro ou fora de casa (FORTES, et al., 2019; MACHADO, et al., 2016). Também foram observados outros fatores que podem intervir nos níveis de ansiedade, como a dificuldade do jogo (DJ), personalidade, autoestima e também os níveis de Burnout ao longo de uma temporada (FREITAS, et al., 2021; PASTSIAOURAS, et al., 2017; STANOVIC, MILIC & GRGANTOV, 2020; KELECEK & KORUC, 2022). Finalizando, também foi encontrado uma possibilidade de intervenção, com subsídios tecnológicos e intervenção do psicólogo do esporte, para melhora dos níveis de ansiedade pré-competitiva (HAMID, et al., 2015).

Como fatores limitantes para o presente estudo destacam-se a quantidade de bases de dados recorridas, o que potencialmente diminui uma possível maior quantidade de estudos a serem incluídos; a não especificação do instrumento de avaliação do desempenho a ser utilizado em alguns dos estudos, permitindo uma maior amplitude de possibilidades nos resultados, além de indicar uma lacuna na literatura; algumas especificações em relação à idade dos atletas/jogadores dos estudos, bem como o tipo de campeonato que os mesmos

participavam, e também outros fatores como tempo de prática e nível socioeconômico; e, por fim, uma possível estratégia de busca mais estruturada.

7 CONCLUSÃO

De forma geral, a partir do objetivo proposto, a ansiedade competitiva é um fator interveniente no desempenho dos atletas de voleibol, mas não apenas pelo seu componente cognitivo, mas também por uma forte relação do subcomponente da autoconfiança. Os efeitos da ansiedade são observados em fatores críticos do jogo, como por exemplo, a realização dos fundamentos e na tomada de decisão.

Entretanto, é preciso salientar que os instrumentos utilizados para avaliação do desempenho não foram os mesmos, dando abertura para um possível viés metodológico. Por outro lado, houve quase uma unanimidade quanto ao uso do instrumento CSAI-2R para se avaliar a ansiedade pré-competitiva dos atletas.

Em conclusão, a literatura aponta que os atletas da modalidade em questão são capazes de perceber diferentes níveis de ansiedade, independente de seu sexo, idade e tempo de prática e que estes estão relacionados com o desempenho esportivo, mesmo que este não apresente um método avaliativo unânime.

8 REFERÊNCIAS

- ALENCAR, B. E. R., et al. **Compreendendo o adoecimento mental pelo esgotamento mental pela Síndrome de Burnout: uma revisão integrativa.** Brazilian Journal of Health Review, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 2642-2658, 2022.
- ALVES, J. H.; FELIPE, M. A.; OLIVEIRA, N. M. L. **Exercício físico para deficientes visuais: uma revisão integrativa dos protocolos de treinamento.** Research, Society and Development, v. 11, n. 14, e94111436060, 2022.
- BARA FILHO, M. G.; RIBEIRO, L. C. S. **Personalidade e esporte: uma revisão.** R. bras. Ci. e Mov., v. 13, p. 101-110, 2005.
- BANDEIRA, T. L. **Identificação das causas subjetivas da ansiedade competitiva e das estratégias de superação de atletas e equipes adultas masculinas de basquetebol.**
- BIZZOCCHI, C. **O voleibol de alto nível: da iniciação à competição.** 3 ed. Barueri, Manole, 2008.
- BOJIKIAN, J. C. M.; BOJIKIAN, L. **Ensinando voleibol.** Phorte, São Paulo, 4ed, 2008.
- BRIZOLA, J.; FANTIN, N. **Revisão da literatura e revisão sistemática da literatura.** Relva, Juara/MT/Brasil, v. 3, n. 2, p. 23-39, 2016.
- CAMANHO, S.; COSTA, R. R.; SCAGLIA, A. J. **Sistemas táticos do voleibol: vantagens, desvantagens e suas consequências para a formação.** Journal of Sport Pedagogy and Research, v. 6, n. 3, p. 11-24, 2020.
- CAMPOS, F. A. D.; PELLEGRINOTTI, I. L.; PASQUARELLI, B. N.; OZAKI, E. H.; STANGANÉLLI, L. C. R. **Análise da vantagem de jogar em casa no voleibol feminino brasileiro.** R. bras. Ci. E Mov. v. 23, p. 40-47, 2015.
- COLLET, C. **Construção e validação do instrumento de avaliação do desempenho técnico-tático (IAD-VB) nas categorias de formação do voleibol.** Universidade Federal de Santa Catarina, Dissertação de mestrado, 2010.

COX, R. H.; MARTENS, M., & RUSSELL, W. D. **Measuring anxiety in athletics: the revised Competitive State Anxiety Inventory-2**. Journal of Sport and Exercise Psychology, v. 25, p. 519-533, 2003.

FERNANDES, M. G.; VASCONCELO-RAPOSO, J.; FERNANDES, H. M. **Propriedades psicométricas do CSAI-2 em atletas brasileiros**. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 25, n. 4, p. 679-687, 2012.

FILIN, V. P. **Desporto juvenil: teoria e metodologia**. Londrina: CID, 1996.

FORTES, L. S., et al. **Efeito da ansiedade competitiva sobre a tomada de decisão em jovens atletas de voleibol**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 35, e3538, 2019.

FREITAS-JÚNIOR, C. G., et al. **The match difficulty modulates coping strategies but not competitive anxiety in male volleyball athletes during tournament with congested schedule**. Ibero-American Journal of Exercise and Sports Psychology, v. 16, n. 5, p. 87-91, 2021.

FRISCHKNECHT, G. **Evidências de relação preditiva entre autoconfiança e resultados competitivos de atletas**. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

HAMID, D. H. T. A. H.; OMAR, A. H. H.; MOFREH, S. A. M.; TAN, M. J. **The effects of 3D virtual environment on pre competitive anxiety among volleyball athletes**. Asian Journal of Information Technology, v. 14, n. 7, p. 260-263, 2015.

HANIN, Y. L. **Individual Zones of Optimal Functioning (IZOF) model: An idiographic approach to performance anxiety**. Sport psychology: An analysis of athlete behavior, 3ed., p. 250-292, 1994.

IZZARD, C. E. **Human emotions**. New York: Plenum, 1997.

JÚNIOR, L. E. M. G.; de ALMEIDA, M. B. **Fatores intervenientes da tomada de decisão no esporte**. Ver. Acta. Brasileira do Movimento Humano, v. 3, n. 2, p. 01-18, 2013.

KSHESEK, G. B.; SOUZA, L. G. H.; LEANDRO, L. A. **Prevalência de dor crônica em idosos: revisão integrativa da literatura**. Brazilian Journal of Health Review, Curitiba, v. 4, n. 5, p. 21367-21381, 2021.

MACHADO, T. A., et al. **Ansiedade estado pré-competitiva em atletas de voleibol infanto-juvenis**. Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte (São Paulo), v. 30, n. 4, p. 1061-1067, 2016.

MARTENS, R.; VEALEY, R. S.; BURTON, D. **Competitive anxiety in sport**. Champaign: Human Kinetics, 1990.

MATESIC, J.; GRGANTOVIC, Z.; CULAR, D. **Competitive state anxiety in female volleyball players**. 6th International Scientific Conference on Kinesiology (Croatia), p. 396-398, 2011.

MESQUITA, I.; MARQUES, A.; MAIA, J. **A relação entre eficiência e eficácia nos domínios das habilidades técnicas em voleibol**. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, v. 1, n. 3, p. 33-39, 2001.

MOHER, D.; LIBERATI, A.; TETZLAFF, J.; ALTMAN, D. G.; The PRISMA Group. **Principais itens para relatar revisões sistemáticas e meta-análises: A recomendação PRISMA**. Tradução de Taís Freire Glavãp e Thais de Souza Andrade Pansani; retro-traduzido por David Harrad. Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília, p. 335-342, 2015.

NOGUEIRA, F. C. A.; BARA FILHO, M. G.; LOURENÇO, L. M. **Application of IZOF model for anxiety and self-efficacy in volleyball athletes: a case study**. Rev. Bras. Med. Esporte, v. 25, n. 4, p. 338-343, 2019.

OKOLI, C. **Guia para realizar uma revisão sistemática da literatura**. Tradução de David Wesley Amado Duarte; Revisão técnica e introdução de João Mattar. EAD em Foco, e748, 2019.

OLIVEIRA, R. V.; RIBAS, J. F. M. **A lógica interna do voleibol sob as lentes da Praxiologia Motriz**. Journal of Physical Education, v. 30, e3073, 2019.

PALUDO, A. C.; NUNES, S. A. N.; SIMÕES, A. C.; FERNANDES, M. G. **Relação entre ansiedade competitiva, autoconfiança e desempenho esportivo: uma revisão ampla da literatura**. PsicolArgum, v. 34, n.85, p.156-169, 2016.

RUSSELL, J. A. A. **A circumplex model of affect**. Journal of Personality and Social Psychology, v. 39, n. 6, p. 1161-1178, 1980.

RODRIGUES, J. C.; BENANTE, F.; AGOSTINI, L.; FABRIZZI, F. **Ansiedade em atletas profissionais: um estudo de revisão**. *Id On Line Rev. Mul. Psic.*, v. 15, n. 56, p. 176-187, 2021.

SAMULSKI, D. **Psicologia do Esporte**. 2 ed. São Paulo, Manole, 2009.

SANTOS, A. A. S.; CARDOSO, F. S. L.; de ANDRADE, M. O. C.; AÑON, I. C.; Teoldo, Israel. **Jogar em casa pode condicionar o resultado final do jogo?** *Revista Brasileira de Futebol*, v. 9, n. 2, p. 87-97, 2016.

SILVA, L. G. S.; FERREIRA, R. W.; GAIA, J. W. P.; PIRES, D. A.; **Pre-competitive anxiety in amateur volleyball athletes**. *Retos*, n. 46, p. 574-580, 2022.

SILVA, M. E., et al. **Doença de Parkinson, exercício físico e qualidade de vida: uma revisão**. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 6, n. 9, p. 71478-71488, 2020.

SILVA, M. M. F., et al. **Ansiedade e desempenho de jogadoras de voleibol em partidas realizadas dentro e fora de casa**. *Rev. Educ. Fís/UEM*, v. 25, n. 4, p. 585-596, 2014.

SONOO, C. N., et al. **Ansiedade e desempenho: um estudo com uma equipe infantil de voleibol feminino**. *Motriz, Rio Claro*, v. 16, n. 3, p. 629-637, 2010.

SOUZA, J. I. **A eficácia do treino de realidade virtual em atletas: uma revisão sistemática da literatura**. Universidade Federal de Minas Gerais, Monografia de especialização, 2017.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. **Revisão Integrativa: o que é e como fazer?** *Einstein*, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

SPIELBERGER, C. D. **Anxiety: Current trends in theory and research: I**. Oxford, England: Academic Press, 1972.

STANOVIC, N.; MILIC, M.; GRGANTOV, Z. **Competitive state anxiety and self-esteem in youth female volleyball players of different players roles and competitive efficacy**. *Acta Knisiologica*, v. 14, n. 1, p. 64-69, 2020.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. Tradução: Maria Cristina Gularte Monteiro, Regina Machado Garcez. 6 ed. Por Alegre: Artmed, 2017.